



O ENSINO DE HISTÓRIA EM SALA DE AULA: REFLEXÕES EM TORNO DA CONCEPÇÃO E RECEPÇÃO DO SABER HISTÓRICO

Autor (Cláudio Robélio da Trindade); Co-autor (Roberta dos Santos Araújo).

((*Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.* claudiorobelio@hotmail.com;
robertinhasantos92@hotmail.com)

RESUMO: O presente artigo tem o propósito de pensar e discutir acerca da concepção do saber histórico, tendo em vista que o ensino de história é um canal transmissor e disseminador de memória no que diz respeito a sua significância na formação de cada indivíduo, com isso, será analisado o ensino de História a partir do estudo da influência da formação dos docentes sobre a prática de avaliação da aprendizagem dos alunos; a metodologia e didática utilizadas, tendo em vista que o professor tem um papel fundamental ao contribuir para uma consciência crítica, estimulando a transformação social por ser capaz de intervir socialmente e também a compreensão que os alunos têm sobre o conceito e importância do componente curricular. A pesquisa foi apoiada na leitura de alguns autores que trabalham com a temática, como Elza Nadai (1992) a qual destaca que o ensino de História vive atualmente uma conjuntura de crise, que é, seguramente, uma “crise da história historicista”. Segundo Jürgen Habermas (2000) não mais apenas as gerações futuras, mas também as passadas podem reivindicar a débil força messiânica da geração presente, já Paulo Freire (1996), pondera que o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que confirma com inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da História. Sendo assim, as questões levantadas são fundamentos preeminentes para o andamento da prática pedagógica do professor em sala de aula.

Palavras-chave: História, aprendizagem, transformação social.

INTRODUÇÃO

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), um dos objetivos mais significativos quando se trata do ensino de História relaciona-se à questão de identidade. É de grande relevância que os estudos de História estejam permanentemente elencados na estruturação da noção de identidade, ao longo da

instauração de relações entre identidades individuais e sociais. Esse ensino deve também permitir que os alunos se compreendam partindo de suas próprias representações, do tempo em que vivem introduzidos em um grupo e ao mesmo tempo retomem a diversidade e executem uma análise crítica de uma memória que é perpassada.

Ao passo em que interpelamos o ensino de história no interior do realismo brasileiro, percebemos que estamos lidando com uma temática complexa que exige bastante cautela. Pois, a princípio, indagamos o que ensinar em uma sociedade considerada multicultural¹, onde valores e percepções sociais distintos são visíveis. O que devemos ensinar? Será plausível a montagem e o uso de um currículo único para ensinar história levando em consideração todos os interesses? Quais fontes, materiais ou temas podem ser usados para fazer uma interposição entre o passado e presente vivenciados pelos alunos? É preciso ressaltar que o historiador submete a história de acordo com sua visão, no entanto, o professor servirá como meio de ligação entre o conhecimento e o aluno, derruindo o paradigma² de que a História é reputada como uma ciência decorativa, pois, os alunos estão trazendo às escolas conceitos e valores diferenciados daqueles que os professores foram qualificados, acarretando de certo modo “divergências” entre a realidade que o professor foi instruído e a realidade em que os alunos vivem hoje em dia.

Sendo assim, as reflexões expostas neste artigo procuram apontar obstáculos que professores e historiadores se deparam ao transformar em assunto de cunho escolar e também em material didático, histórias contadas a partir de temporalidades distintas, diante disso, também será analisado como os alunos recepcionam os conteúdos ao serem transmitidos pelos professores em sala de aula com o apoio do livro didático, tudo isso, procurando manifestar através de discursões, em qual lugar se encontra o ensino de História. É possível indagar a compreensão que o aluno pode formular no que

¹ Define-se como sociedade multicultural, a percepção de uma série de culturas com características diferentes na mesma sociedade.

² Momento em que os educadores têm de permutar modelos de ensino antigos por novos.



diz respeito à História do passado. Como ele associa o conhecimento despretensiosamente sobre esse passado e, por conseguinte sobre a história, vista como fruto das relações sociais que até então foram estabelecidas junto ao seu meio social, com a história lecionada nas escolas.

REFLEXÕES EM TORNO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO ESCOLAR

É sabido que existem vários problemas em sala de aula e muitos desses problemas surgidos na educação, afeta de alguma forma o método que é repassado os conteúdos disciplinares, onde, em uma simples dificuldade com o veículo escolar, pode vir a ocasionar consideravelmente certo atraso no conteúdo disciplinar. Diante disso, é perceptível que a disciplina de história se encontra inserida dentro de uma atmosfera problemática, porém, tenta sobressair-se, tendo em vista que ela é a ciência humana básica na formação do aluno, pois tem a capacidade de fazer com que o aluno compreenda a realidade que o cerca e, por conseguinte, abastecer-se de espírito crítico que o habilitará a entender a mesma realidade.

Assim sendo, é visto que o ensino de História, atualmente, vive uma conjuntura de crise,

Crise que espelha as modificações da própria produção científica, que, de certa forma, ampliaram o leque de possibilidades do pensar, do fazer e do escrever a história. Crise, período criativo, pois obrigou os profissionais a questionar criticamente os alicerces, os pressupostos teórico-metodológicos da ciência e do ensino, obrigando-os a propor experiências



múltiplas, procurando superar o tradicional modelo que, introduzido no século XIX, foi ganhando consistência e relevância, espraiando-se pelas instâncias da sociedade – escola, família e produção cultural –, tornando-se hegemônico. (NADAI, 1992, p. 144).

É preciso destacar outro problema encontrado, no que diz respeito ao ensino de história, que é de natureza epistemológica, pois dar-se de como os alunos tomam o conhecimento histórico transferido pelo seu educador, diante disso, é observado que a maioria dos alunos não tem compreensão do que é história, outros descrevem que a história é basicamente acontecimentos marcantes do passado, dado as formas que são ensinadas, dentre elas, repleto de datas e vultos históricos, isso vai implicar no distanciamento de qualquer atrativo, onde, o aluno caracterizará como perda de tempo ter conhecimento de fatos antigos, pois o mesmo, não lhe dará aporte para perceber a realidade ao seu redor e por presumir que a história é longínqua, os alunos não enxergam o quão é importante ter conhecimento a respeito dela, apenas por não se identificarem.

No entanto, é preciso fazer uma reflexão em torno da função do professor de história, antes mesmo de tratar a respeito de como o saber histórico é disseminado e recepcionado, partindo de sua escolha metodológica na produção e transmissão de tal saber, assim, a sua metodologia de ensino vai ser sua prática pedagógica, com isso, a função do professor será ampliada, pois com a sua participação permanente no andamento de ensino/aprendizagem, chegará a desenvolver condutas complexas, equiparando-se a psicológicas, em seu trabalho. Daí, hoje em dia, é exigido do professor



não apenas o ato de lecionar, mas também, o hábito de dar suporte psicológico e até mesmo acompanhamento mental no encadeamento da aprendizagem.

Entretanto, a construção de espírito crítico do aluno, com o apoio do professor ao ensinar História, não exprime, obrigatoriamente, levá-los a posições ideológicas eminentes, mas apenas, instrui-los a ponderar as diversas linhas e correntes de interpretações, dadas aos fatos históricos, dentro de seus contextos e com isso, conceder aos educandos proceder com suas escolhas políticas, culturas, econômicas e sociais. Sob outra perspectiva, a ciência histórica tem seus modos e mecanismos de análise que se querem respeitados, com o objetivo de encorajar o interesse para esse ramo do conhecimento humano, daí, o estudo de documentos e as diversas interpretações, fomentadas pela História, são de extrema importância no que diz respeito ao estudo da disciplina.

O ENSINO DE HISTÓRIA EM SALA DE AULA

Para Martins (2012, p. 768), o crescimento do estudo e ensino de História nos últimos anos tem sido gritante, no entanto, lecionar essa disciplina vem sendo um desafio preocupante, pois reclamações são vistas de ambos os lados, sejam elas por parte dos professores que relatam a falta de estímulo e deficiência dos alunos, no que tange a aprendizagem dos conteúdos de História, e, por parte dos alunos queixando-se a todo o momento que a disciplina de história é enfadonha e que não tem interesse em estudar sobre o passado e/ou “quem já morreu”.

Diante disso, é visto que os futuros professores não têm uma preparação na academia para situações que poderão encontrar ao iniciarem as suas atividades profissionais, fazendo com que muitos percam o estímulo pela profissão. Isso ocorre das

mais variadas formas, como a dificuldade que se tem ao ensinar história adentro de um contexto onde existem alunos com dificuldades em conseguir fazer interpretações no intuito de responderem o que leem, por exemplo. Ainda assim, não ocorre uma busca de inovação por parte dos professores de História, muito menos qualidade no ensino que possam sanar tais problemas, ocasionando assim, aulas reprodutivas de conhecimentos e transmissão dos conteúdos inclusos no currículo e livros didáticos.

Portanto, em virtude da complexidade de lecionar a disciplina História, por vários motivos, muitos conferem a culpa aos discentes, perante a justificativa de que estes não sabem ler ou não demonstram interesse aos conteúdos transmitidos em sala de aula, como já foi dito, porém, alguns docentes dificilmente param para observar onde se encontra o problema e como deve ser solucionado. Corroborando com essa questão, Martins enfatiza que

Acabamos transferindo todos os males, todas as coisas ruins para os alunos – o “eles” – mas fechamos os olhos e ouvidos muitas vezes, e acabamos não admitindo que grande parte destes males são culpa nossa também – o “nós”. (...) Em alguns momentos, transferimos a culpa para eles, sabendo que a culpa é nossa. Mas na maioria dos casos, os culpamos por realmente acreditar que a culpa é deles, e não nossa. Temos dificuldades de ensinar, e eles, dificuldade em aprender. E geralmente, não paramos para analisar de onde vêm tais dificuldades. (MARTINS, 2012, p. 767)



É notório o olhar que ainda se tem sob o professor como detentor do saber, ou, em outras palavras, aquele que possui a verdade absoluta, porém, esses não mostram aos alunos que os conteúdos repassados a partir do livro didático e estudados em sala, apenas são uma visão de um historiador que fora lançado sobre temas que falam a respeito de determinadas épocas e que essa visão, pode chegar a ser desconstruída por outros estudiosos na área. Com isso, é visto que as aulas de história necessitam de mudanças sim, onde seja a hora dos profissionais da educação se questionarem a respeito do que os alunos precisam aprender e não se importar com o que eles precisam saber, dessa forma, é essencial a busca de meios nos quais a história vá se tornar interessante para os alunos, no intuito de transformá-los em sujeitos não alienados e em cidadãos conscientizados.

Sendo assim, a mudança e a renovação no ensino de história é muito comentada, no entanto, é preciso bastante precaução com as novas metodologias a serem adotadas, pois nem sempre tudo que é novo, é bom, por conseguinte não solucionará por si só os problemas existentes no decurso de ensino/aprendizagem. Pois sabemos que existe toda uma série de regras, mais que podem e devem ser repensadas para um bem social, onde a escola tem por incumbência, formar cidadão para além dela, e não apenas direcionar os alunos para obterem êxitos em vestibulares ou algo similar. Todavia, é perceptível que existe uma preocupação mais com a quantidade de informações que são adquiridas pelos alunos do que até mesmo com o seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a respeito do ensino de História é seguir por desafios diversos. Um deles é a tentativa de legitimar uma reflexão a respeito de um conhecimento que no campo escolar, não tem sido muito valorizado ou até mesmo chega a ser excluída a História na



qualidade de componente curricular em detrimento de outras áreas de conhecimento. Sendo assim, é verificado que fatos históricos de grande importância, vão caindo no esquecimento das novas gerações. No entanto, é importante perceber, que o ensino de história pode vir a contribuir de maneira significativa para transformar a escola em um local de descoberta e de significado, que vem a ser sinônimo de novo, na perspectiva de motivar no aluno o que ele já tem conhecimento, ao ponto de contribuir na formação de cidadãos conscientes, fazendo com que por eles sejam construídos.

Todo entendimento é organizado pelo aluno, ainda que, independente da metodologia utilizada pelo professor, à experiência é sempre uma estruturação de quem é levado a fazê-lo, se não ocorresse dessa forma, certamente os alunos deixariam a escola nas mesmas condições em que iniciaram, o que é impreterivelmente errôneo. Tudo o que ocorre, nada mais é do que uma construção de conhecimentos por parte dos alunos, sejam de maior qualidade ou menor qualidade, advindo de quem ensina.

Utilizando-se da engenhosidade, o professor de história, com o seu apreço pelo conhecimento, deve traçar o seu desempenho profissional na incumbência de mostrar para os seus alunos que têm diferentes versões históricas e que esse aluno é um agente histórico, com capacidade de não só participar da produção de mecanismos existentes na sociedade, mas também de transformá-los por meio de investigação e formação consciente, no que se diz respeito ao meio social inserido.

Verificamos assim, que um excelente professor mesmo possuindo diversos problemas, dos quais já temos conhecimento, tal como uma baixa remuneração, ou até mesmo, superlotação nas salas de aula, falta de recursos didáticos para lecionar, entre outros, ele tem por obrigação querer mudanças significativas no ensino, ou seja, mesmo com os diversos problemas na história ensinada em sala, não será possível amenizar



com uma simples transformação na prática de ensino, ou, com uma mudança no comportamento dos alunos ou até mesmo com a democratização dos conteúdos existentes nos livros didáticos. Mas, e aí sim, com sérias transformações no sistema educacional brasileiro, daí, devemos ter sempre em mente, que sala de aula não é apenas local de transmissão de informações, e sim, a princípio, um ambiente de vivências, de relações entre alunos e professores, de experiências.

Mais a frente da atividade pedagógica que o professor de história cumpre, é preciso incorporar o papel do pesquisador, com pretensão de não repassar apenas as informações existentes no livro didático, mas, acima de tudo, orientar e motivar investigações e indagações daquilo que textos e demais fontes utilizadas mostram

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. 1996. Paz e Terra.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 45. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**: doze lições. São Paulo, Marins Fontes, 2000.

MARTINS, R. F. R. **Os desafios do ensino-aprendizagem de história nos anos finais do ensino fundamental da rede pública**: limitações de formação dos professores e deficiências de leitura e escrita dos alunos. Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós Graduação em História da UFRGS (Online), v. 4, p. 766-782, 2012.

NADAI, Elza. **O Ensino de História no Brasil**: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.13, no 25/26, p.143-162,



set.1992/ago.1993.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão:** perspectiva histórico cultural. Educ. Soc., Jul. 2000, vol 21, nº 71, p. 166-193. ISSN-7330.